



HOMEM: SER E/OU NÃO SER?



Cartilha Regional
sobre Gênero e
Masculinidades.

**Consórcio
Intermunicipal
Grande ABC**





ASSEMBLEIA GERAL DE PREFEITOS

Luiz Marinho

Presidente do Consórcio Intermunicipal Grande ABC
Prefeito de São Bernardo do Campo

Lauro Michels

Vice-presidente do Consórcio Intermunicipal Grande ABC
Prefeito de Diadema

Carlos Grana

Prefeito de Santo André

Paulo Pinheiro

Prefeito de São Caetano do Sul

Donisete Braga

Prefeito de Mauá

Saulo Benevides

Prefeito de Ribeirão Pires

Gabriel Maranhão

Prefeito de Rio Grande da Serra

VICE-PREFEITOS

Frank Aguiar

São Bernardo do Campo

Silvana Guarnieri

Diadema

Oswana Fameli

Santo André

Lucia Dal'Mas

São Caetano do Sul

Leonice Moura

Ribeirão Pires

Marilza Silva

Rio Grande da Serra

SECRETARIA EXECUTIVA DO CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL GRANDE ABC

Luis Paulo Bresciani

Secretário Executivo

Hamilton Lacerda

Diretor de Programas e Projetos

Carlos Eduardo Alves da Silva

Diretor Administrativo e Financeiro

Leandro Piccino

Diretor Jurídico



GRUPO DE TRABALHO GÊNERO

Santo André – Maria Cristina Pache Pechtoll e Flávio Urra

São Bernardo do Campo – Maria de Lourdes Ventura de Oliveira e Tereza Godinho

São Caetano do Sul – Maria Aparecida da Silva e Marta Lewaschiw

Diadema – Luciene Rosa Santana e Zuleika Maria da Silva

Mauá – Maria do Socorro Pereira Miranda e Norma Isolda Cubillos Patino

Ribeirão Pires – Mariana Evangelista e Elisangela dos Santos Moura

Rio Grande da Serra – Maria Luiza Chaveiro e Karen Ketle Liz Baião Martins

Consórcio Intermunicipal Grande ABC – Maria Gracely Batista Marques

GRUPO TEMÁTICO GÊNERO E MASCULINIDADES

Santo André – Flávio Urra e Gilberto Ferreira Anísio

São Bernardo do Campo – Jean Carlos Fernandes Valadares e Mauro Peres Costa

São Caetano do Sul – Daniel Chang Christmann

Diadema – Reginaldo Bombini

Mauá – Eurico de Marcos Jardim e Alex da Silva Sá

Ribeirão Pires – Edglay de Souza André

Consórcio Intermunicipal Grande ABC - Maria Gracely Batista Marques

ORGANIZAÇÃO

Grupo Temático Gênero e Masculinidades

REVISÃO E EDIÇÃO

Assessoria de Comunicação do Consórcio Intermunicipal Grande ABC

CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL GRANDE ABC

Av. Ramiro Colleoni, 5, Centro, Santo André, SP

CEP: 09040-160 - Telefone: (11) 4435-3555

www.consortioabc.sp.gov.br

www.facebook.com/consortioabc

www.twitter.com/consortioabc







OBJETIVO

Esta cartilha pretende proporcionar reflexões, incômodos e pensamentos sobre o que é ser homem, como nos tornamos homens e quais as consequências que o modo machista de ser homem traz para a sociedade.





MENSAGEM DO GT

Esperamos que os meninos sejam ensinados a chorar, a pedir colo, a cuidar das outras pessoas, a tratar meninos e meninas da mesma forma, com respeito, como iguais, e a serem responsáveis e se preservarem. Que eles resolvam seus conflitos com diálogo e abraços, que rejeitem e renunciem a prática da violência e que sejam mais leves e felizes.





INTRODUÇÃO

Os homens têm sido responsáveis pela maior parte das violências que ocorrem na sociedade, principalmente, a violência contra a mulher.

Mas, por que alguns homens se tornam violentos?

E os outros homens, que praticam a não-violência, como podem colaborar para uma sociedade mais humana, solidária e igualitária?

Sabemos que o machismo mata e que é produzido e reproduzido pela maioria das pessoas. Como podemos resistir a isso?







UM POUÇO DA HISTÓRIA

No Brasil, a temática gênero e masculinidades tem despertado interesse em muitas pessoas, graças à mobilização e luta dos movimentos de mulheres e homens. Muitas mulheres e homens ingressaram nas Universidades para pesquisar e estudar o assunto.

Foram criadas políticas públicas feministas em muitos municípios e estados de cunho democrático popular. No Grande ABC, o movimento de mulheres e feministas existe desde a década de 1980, organizado nas cidades e, também, regionalmente.

Grupos de donas de casa, trabalhadoras e sindicalistas se organizavam buscando seus direitos, como: fim do regime militar, direito a greve, a creche, transporte, salários iguais, entre outros¹.


Em Santo André, a primeira iniciativa de políticas para mulheres foi a criação da Assessoria dos Direitos da Mulher em 1989². Por meio dessa Assessoria, na década de 1990, foi conquistada a primeira Delegacia de Defesa da Mulher da região e a primeira Casa de Apoio, serviço de retaguarda para a mulher ameaçada de morte por violência doméstica e extensiva aos filhos e filhas.

Uma das organizações pioneiras na discussão de gênero no ABC foi o Centro de Educação para a Saúde (CES), entidade que, em parceria com a Prefeitura de Santo André, iniciou ações relativas aos direitos sexuais e reprodutivos. O CES desenvolvia ações educativas e preventivas para mulheres, jovens e homens inclusive atuando com homens detidos em regime prisional.

Em âmbito regional, foi criada, no fim da década 90, a Frente Regional de Enfrentamento a Violência contra a Mulher, reunindo poder público, sociedade civil, trabalhadores (as) e organizações não governamentais.


¹ Revista "Mulheres de Santo André em destaque", Prefeitura de Santo André, 2004.

² A primeira Assessora dos Direitos das Mulheres foi Ivete Garcia, substituída por Matilde Ribeiro em 1997.




Em 2001, com iniciativa da Assessoria dos Direitos da Mulher da Prefeitura de Santo André, foi estabelecida uma parceria com o CES, criando o Programa Gênero e Cidadania (PGC). O objetivo da iniciativa era fazer oficinas com metodologia popular feminista, voltadas à população dos núcleos habitacionais da cidade. A equipe inicial do PGC era composta por uma coordenadora, duas mulheres e dois homens.

Outra ação da Assessoria, em parceria com diversos movimentos da cidade foi a implantação do Curso de Promotoras Legais Populares. Posteriormente, o curso foi ampliado para Diadema, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Mauá e Ribeirão Pires.




O CES foi uma das seis organizações nacionais responsáveis pela construção e coordenação da Campanha Brasileira do Laço Branco: homens pelo fim da violência contra a mulher, lançada oficialmente no Brasil em 2001³.

Entre os projetos voltados à masculinidade, o CES acompanhou um grupo de homens organizado em um condomínio popular do Bairro Serraria, em Diadema, no início dos anos 2000. Em Diadema, ainda, foram realizados grupos de homens junto à Secretaria de Saúde e uma formação com a Guarda Civil Municipal.



Com o PGC foi realizada a formação da Guarda Municipal de Santo André em dois momentos (2002 e 2003), abordando a temática Gênero e Masculinidades, em um processo de 12 oficinas.



Entre 2006 e 2009, em São Caetano do Sul, foi criado um grupo de homens autuados pela recém criada Lei Maria da Penha (Lei 11.340), encaminhados pelo juiz da cidade. Além disso, houve experiências com grupos reflexivos de homens autores de violência contra a mulher, antes e depois da implementação da lei, em Santo André (2003-2004; 2007-2008), São Bernardo do Campo (2008) e Diadema (2006-2008)⁴.

Mais recentemente, em 2013, foi instituída, na Prefeitura de Santo André, a primeira Secretaria de Políticas para Mulheres⁵ da região, dando novo impulso para as políticas de gênero no município e região, inclusive naquelas que envolvem os homens e as masculinidades.

³ Disponível em: <lacobrancobrasil.blogspot.com.br/p/mossa-historico.html>. Acesso realizado em 13/05/2016.

⁴ URRÁ, Flávio. *Masculinidades: a construção social da masculinidade e o exercício da violência*. In: BLAY, Eva (org.) *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher* – 1ª edição – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

⁵ A primeira Secretária de Política para as Mulheres foi Silmara Conchão.

POLÍTICAS PARA HOMENS

Em 2014, em Santo André, foi criado o Programa E Agora José? – Grupo socioeducativo com homens autuados pela Lei Maria da Penha – resultado da parceria entre a Secretaria de Políticas para as Mulheres, o Tribunal de Justiça (Comarca de Santo André) e a Coordenadoria de Reintegração Social e Cidadania da Secretaria Estadual da Administração Penitenciária. O Programa surgiu com o objetivo de promover atividades pedagógicas e educativas, assim como o acompanhamento das penas e das decisões proferidas pelo juízo competente, no que tange aos homens autores de violência doméstica contra as mulheres.

Em 2015, o Consórcio Intermunicipal Grande ABC ofereceu o inédito Curso Gênero e Masculinidades, dirigido a homens, funcionários públicos das sete cidades, tendo como objetivo sensibilizá-los e, ao mesmo tempo, oferecer uma formação teórica para aqueles que quiserem atuar com outros homens. Ao final do Curso, foi constituído o Fórum de Gênero e Masculinidades do Grande ABC⁶, que se reúne mensalmente para pensar estratégias para envolver homens em ações pelo fim da violência contra a mulher.



Foto: Divulgação/Consórcio ABC

⁶ Disponível em: <forungeneromasculinidadesabc.wordpress.com/>

Outra ação desenvolvida regionalmente é a “Campanha Brasileira do Laço Branco: homens pelo fim da violência contra a mulher”, que tem como objetivo sensibilizar, envolver e mobilizar os homens no engajamento pelo fim da violência contra a mulher. As ações da Campanha são desenvolvidas pelas instituições que integram a Rede de Homens pela Equidade de Gênero (RHEG) e buscam reforçar a conscientização em torno do “Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo fim da Violência contra as Mulheres”. Celebrada em 6 de dezembro, a data foi instituída no calendário nacional com a aprovação da Lei 11.489, em vigor desde 2007.



Outro desdobramento do Curso de Gênero e Masculinidades foi a aprovação, pelo Grupo de Trabalho (GT) Gênero, da criação do Grupo Temático Gênero e Masculinidades, em janeiro de 2016. Composto por gestores das sete cidades consorciadas, indicados pelos representantes das gestões municipais, o grupo visa à articulação e o planejamento de ações regionais no âmbito das políticas para homens no enfrentamento à violência contra a mulher.

Ainda em 2016, o Consórcio, por meio do Grupo Temático, ofereceu a segunda edição do Curso de Gênero e Masculinidades.



Foto: Divulgação/Consórcio ABC

AS MASCULINIDADES

Gênero e masculinidades são palavras que podem ter diferentes interpretações ou conceitos⁷.

O termo gênero refere-se à maneira como a sociedade determina que as pessoas sejam, em função da diferença sexual percebida. As diferentes sociedades apresentam, muitas vezes, comportamentos distintos para mulheres e homens. Não há apenas um jeito de ser homem ou mulher, mas modos diferentes de exercer masculinidade ou feminilidade.



⁷ O conceito de Gênero utilizado por nós é o de Joan Scott e o de Masculinidades de Raewyn Connell. Ver: SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n.º 2, p. 71-99, jul/dez, 1995. CARVALHO FILHO, Sílvia de Almeida. A Masculinidade em Connell: os mecanismos de pensamento articuladores de sua abordagem teórica. XIII Encontro de História Anpuh – Rio, Identidades



Em algumas culturas, o modo de ser homem ou mulher é imposto pelo grupo social, pela família, pela escola, pelo Estado, ensinado pelos adultos, apreendido pelas crianças, muitas vezes, pela imitação, reforçado por normas sociais, moralidade ou religiosidade.

Dessa forma, quando falamos em masculinidades, estamos tratando dos vários jeitos de ser homem.

Existem homens brancos, pardos e negros. Ricos e pobres. Gays, cisgêneros e transgêneros. Altos, baixos, gordos, magros, com deficiência ou não. Homens mais masculinos e outros mais femininos. Europeus, orientais, africanos, indígenas. Uma série interminável de classificações.

A cultura machista e patriarcal⁸ constrói uma hierarquia entre os homens, valorizando um determinado tipo, por exemplo, o homem branco, europeu e heterossexual, ao mesmo tempo em que marginaliza e discrimina outros como os negros, latinos e gays.

Acreditamos que todos os jeitos de ser homem devem ser valorizados e respeitados.

⁸ SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo (Coleção Brasil Urgente), 2004. E, *Violência doméstica ou a lógica do galinheiro*. In: Kupstas, Marcia (org.). *Violência em debate*. São Paulo: Editora Moderna, 1997, p. 39-57.



DADOS SOCIAIS E ECONÔMICOS

Segundo dados do IBGE⁹, o Brasil tem uma população de 201 milhões de pessoas, sendo 98 milhões de homens e 102 milhões de mulheres.

Apesar das lutas que as mulheres vêm fazendo há 50 anos no país, ainda existem muitas desigualdades entre mulheres e homens.

Quando somamos os salários dos homens e dividimos pelo número de homens no país, chegamos à média salarial do (a) brasileiro (a). Assim, em 2010, o salário médio de um homem no Brasil era de R\$ 1.370,29, enquanto o salário médio de uma mulher somava R\$ 810,87 (IBGE).

Quanto à divisão do trabalho doméstico, dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT)¹⁰, apontam que o homem dedica cerca de 9 horas e meia por semana ao trabalho doméstico, enquanto as mulheres, em média, 22 horas.


Quanto ao trabalho formal, os homens dedicam, em média, 43,4 horas semanais e as mulheres, 36 horas. Assim, em média, uma mulher trabalha 5,1 horas semanais a mais que um homem.

⁹ Fonte: *Microdados da Amostra e Censo 2010/IBGE*.


¹⁰ OIT – *Perfil do Trabalho Decente no Brasil (2012)*.




UMA SOCIEDADE VIOLENTA



O homem aprende violência desde a infância quando é inserido num ambiente violento, onde entende-se que é permitido maltratar, tanto física quanto psicologicamente, as pessoas que se ama.




Os meios de comunicação que se valem de notícias sensacionalistas, de programas violentos ou que invadem a privacidade, contribuem para a propagação dessa cultura de violência, discriminação e preconceito.



A violência está presente em todos os níveis sociais, e os valores seguem perdendo espaço para a cultura do poder machista.

Os espaços públicos são territórios ideais para a prática das mais diversas situações de reprodução das violências, seja contra a mulher, o idoso, o jovem, o negro, a pessoa com deficiência, entre outros.






VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER




Outra desigualdade marcante no Brasil diz respeito à violência contra a mulher.

Os dados mostram que a violência que uma mulher sofre de um homem é cerca de três vezes maior que o contrário. Dos 1.694 casos de violência notificados nas unidades de saúde da cidade de São Paulo, em 2015, 1.230 foram direcionadas às mulheres (72,6%)¹¹.



A Central de Atendimento à Mulher (Ligue 180), registrou 63 mil mulheres vítimas de violência nos dez primeiros meses de 2015. Em 67,36% dos relatos, as agressões foram cometidas por homens, companheiros, maridos, namorados e ex-maridos.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a violência contra a mulher refere-se a qualquer ato de violência que uma mulher sofra e que resulte em prejuízo ou sofrimento, seja físico, sexual ou psicológico, inclusive ameaça, privação de liberdade ou coerção, que possa ocorrer na vida pública ou privada.



Conforme os dados da ONU Mulheres no Brasil, na última década, mais de 43 mil brasileiras foram assassinadas, sendo a maioria em ambiente doméstico. Isto quer dizer uma a cada duas horas¹².

Nos últimos anos, o movimento feminista tem dado ênfase ao feminicídio, isto é, à morte de mulheres por conflito de gênero. Segundo dados do Mapa da Violência 2015¹³, o Brasil ocupa o 5º lugar, num grupo de 83 países no ranking de homicídios de mulheres. Quando comparado com outros países, no Brasil ocorrem 48 vezes mais feminicídios que no Reino Unido, 24 vezes mais que na Irlanda ou Dinamarca e 16 vezes mais que o Japão e Escócia.

A violência doméstica, principalmente contra mulheres e crianças, segundo estimativas de especialistas, custa à economia mundial mais de R\$ 16 trilhões por ano. Ainda, segundo o mesmo estudo, a violência doméstica mata mais que todas as guerras em andamento.

¹¹ Disponível em: <www.geledes.org.br/questoes-de-genero/violencia-contramulher/>.

¹² Disponível em: <www.compromissoeatitude.org.br/onu-mulheres-43-mil-mulheres-foam-assassinadas-no-brasil-na-ultima-decada-radio-onu-08102014/>.

¹³ WAISELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em: <www.mapadaviolencia.org.br/>.



DISQUE 180

CENTRAL DE ATENDIMENTO À MULHER

De qualquer lugar do Brasil e a qualquer hora,
ligue gratuitamente para obter orientação
ou denunciar a violência contra a mulher.



COMO NOS TORNAMOS HOMENS?

O jeito como os homens são, atualmente, no Brasil, é resultado de um processo histórico. Um modo de ser apreendido, ensinado, imitado e reproduzido ao longo de muitos anos.


Desde a colonização do Brasil pelos europeus, em 1500, os homens que chegaram ao país, usaram da violência, primeiramente, contra os povos indígenas que aqui viviam, depois contra os povos africanos escravizados. A mesma coisa aconteceu e continua acontecendo contra mulheres, crianças e outros homens.

No Brasil Colônia¹⁴, a sociedade era patriarcal e a figura do pai-patrão tinha poder absoluto sobre suas terras, posses e mulheres. O castigo físico era frequente, num ambiente em que o homem exercia essa violência contra sua mulher, filhos e escravos. Na época, o rei e a igreja aprovavam a escravidão e o poder dos homens sobre as mulheres e crianças.


Com as mudanças sociais, a criação do Estado brasileiro, das cidades e o desenvolvimento da medicina, uma série de mudanças ocorreu, assim, criaram-se leis e normas para regular a vida em sociedade. Mas, mesmo essas leis e normas foram criadas por homens que detinham o poder, como governantes, padres e médicos.

Essas leis continuaram deixando as mulheres sem direitos. Elas não podiam votar, estudar, trabalhar fora de casa e nem ter uma vida sexual livre.


¹⁴ COSTA, Jurandir Freire. (1979). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.




Muitos homens, via de regra, eram os controladores da vida das mulheres, de “suas” esposas, “suas” filhas, “suas” irmãs e até de “suas” mães. Criavam seus filhos valorizando a força, a virilidade e a potência, enquanto que para suas filhas valorizavam a submissão, a beleza e a virgindade.



A sexualidade feminina era controlada pelos padres, pais, irmãos, maridos e filhos. A vida da mulher deveria ser em função da gravidez, amamentação e filhos. A imagem da prostituta era o oposto da esposa-mãe, uma ameaça permanente que as mulheres corriam, de perder o respeito social, caso não aceitassem as regras machistas.



Assim, um homem comum, “de família”, mesmo que frequentasse locais de prostituição, continuava sendo respeitado pela sociedade, ao passo que a mulher só poderia ser respeitada se fosse mãe e dona de casa.











A VIOLÊNCIA MASCULINA




Existem homens ricos e pobres que agredem as mulheres, em diferentes regiões e países.

Os homens praticam violência não só contra as mulheres, mas contra crianças, pessoas idosas e contra os próprios homens. Um modelo de homem violento associado à desigualdade de poder é a causa mais frequente para as agressões.



A figura masculina está muito ligada ao exercício das violências, conforme observado em dados estatísticos. Segundo o Sistema de Informação de Mortalidade (SIM), em 2009, morreram 37.594 pessoas vítimas de acidente de trânsito no Brasil; destas 30.631 eram homens (81,4%).



Quanto à população carcerária, de acordo com dados do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN)¹⁵, em 2010, existiam 494.237 presos no Brasil. Destes 457.663 eram homens, o que corresponde a 92,6% dos detidos. O Mapa da Violência 2010¹⁶, afirmava que foram assassinadas 49.932 pessoas no Brasil, isso somente naquele ano. Entre as vítimas, 45.617 eram homens (91,4%).

¹⁵ Disponível em: <www.direitonet.com.br/artigos/exibir/7858/Desvio-de-funcao-dos-servidores-Policias-Civis>.

¹⁶ Disponível em: <veja.abril.com.br/politica/brasil-tem-taxa-de-homicidios-maior-que-a-do-afeganistao/>.

A DIFERENÇA PERCEBIDA

Quando uma criança nasce, as pessoas esperam que ela tenha determinados comportamentos em função do órgão genital que possui. Assim, se a criança nasce com um pênis, a sociedade considera que é homem e espera dele virilidade e força, que goste de mulher, que deve ter um andar firme, que deve sentar de pernas abertas e falar grosso. Ao mesmo tempo, não pode ter medo, nem vergonha, sensibilidade ou fraqueza.

Tudo o que é feminino, para o menino, é considerado ruim. Assim, valoriza-se o homem macho e desvaloriza-se o homem feminino. O homem que fala delicado é discriminado, o que senta de pernas cruzadas, “igual a uma mulher”, pode ser ridicularizado. O identificado como gay, muitas vezes, é morto.

Entre as meninas é comum haver uma troca de carinho e cuidado. Já entre os meninos, todo toque carinhoso é proibido, o único toque permitido, entre dois homens, é o tapa.





OS ESPAÇOS DOS HOMENS

Em muitas regiões, os meninos são cuidados por mulheres até os seus 6 ou 7 anos de idade. Depois dessa idade eles entram no “mundo dos homens”¹⁷, passam a brincar com outros meninos e nessa socialização, aprendem a ser machistas.

Nesses grupos, são comuns as brigas, os “palavrões”, as agressões, a ridicularizarão e a humilhação dos mais novos, dos mais fracos, dos mais quietos, daqueles com alguma deficiência ou outras diferenças.

O menino, para ser respeitado, precisa demonstrar força, coragem e violência. Nessa socialização, aprende também a mentir para ser admirado.

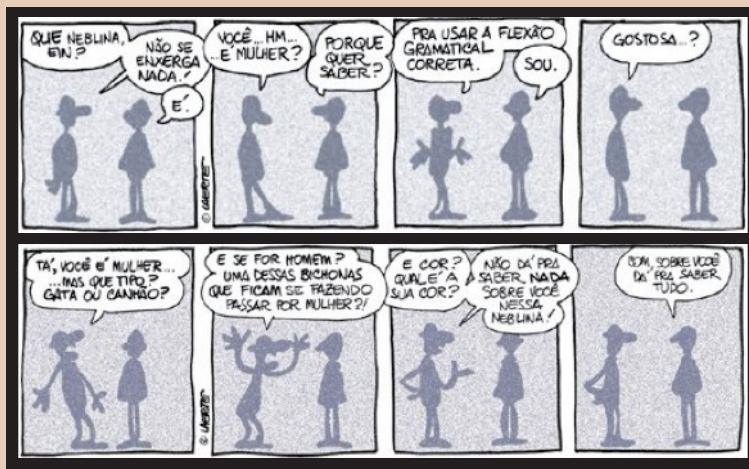
O “mundo dos meninos” é recheado de fantasias de ser mais forte, mais corajoso, mais viril. Ele é incentivado pelos outros meninos machistas a se aproveitar das meninas e a usá-las para seu prazer. É, também, encorajado a bater nas pessoas e animais, a não ser fraco, não ser “maricas” nem “mulherzinha”.

¹⁷ WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres homofobia*. Ver. *Estud. Fem.*, vol. 9, nº. 2, p. 460-482. ISSN 0104-026X, 2001.



Nesses grupos, o menino é apresentado à sexualidade, por meio de jogos e brincadeiras sexuais, com filmes e revistas pornográficas. Apreendem um sexo desprovido de amor, parceria, cuidado e respeito. Ao invés disso, o sexo é ligado à humilhação, ao desrespeito, a violência, ao uso do outro para sua gratificação sexual.

Nas brincadeiras infantis dos meninos existe muita competição, uso de força e discriminação. Por outro lado, eles não aprendem a cuidar nem de si e nem dos outros.





CONSEQUÊNCIAS DO NOSSO MODO DE SER

A nossa construção sócio-histórica contribui para que muitos homens se tornem machistas e passem a considerar as mulheres como inferiores.


Certos homens desenvolvem uma sexualidade agressora que violenta as mulheres, crianças e suas próprias filhas, bem como usam as pessoas para seu prazer. São homens carregados de olhar obsceno, incapazes de viver uma relação afetiva.

Outra consequência desse “jeito de ser homem” é o comportamento de risco, as práticas de esporte radicais, os “rachas” de velocidade e abusos de toda ordem.

O descuido com a saúde, faz com que os homens morram mais que as mulheres em todas as idades, como mostram os índices da expectativa de vida no Brasil. Enquanto a expectativa de vida de uma mulher, segundo o IBGE (2010), é de 77,3 anos, para um homem, cai para 69,7 anos.


Segundo a pesquisa Tábuas de Mortalidade (2010)¹⁸, o maior índice de desigualdade em número de mortes se dá aos 22 anos. Os riscos de um homem jovem morrer aos 22 anos são 4,5 vezes maiores do que uma mulher da mesma idade. Aos 70 anos, as chances a mais são de 1,5. Como agravante, a maioria desses jovens mortos pertencem a grupos étnico-raciais específicos: pretos e pardos.

¹⁸ Disponível em: <<http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-12-01/homens-tem-45-mais-riscos-de-morrer-na-juventude-do-que-mulheres>>.




Outra grave consequência do machismo é a homofobia ou LGBTfobia, ou seja, o ódio que alguns homens desenvolvem em relação aos gays, lésbicas, travestis, transexuais e transgêneros, ocasionando discriminação, violência e, até mesmo, a morte.

No Brasil, os crimes de homofobia estão entre os maiores índices do mundo, reflexos de uma ideologia machista, com caráter discriminatório, preconceituoso e intolerante.



O próprio tráfico de drogas é sustentado pelas ideias machistas, em que a força, a opressão, a violência, o poder e o uso de armas são práticas legitimadas no cotidiano.



Além disso, também existe a violência urbana, as brigas no trânsito, nos bares e nas torcidas. Todos os dias homens matam ou morrem para provar que são homens, que são fortes.



A IDEOLOGIA MACHISTA

O discurso machista, segundo alguns autores, é ideológico¹⁹, já que busca estabelecer uma relação de dominação dos homens em relação às mulheres.

Em nossa sociedade machista, homens e mulheres usam discursos machistas: palavrões, piadas, propagandas, músicas, provérbios, ditados e outras formas de expressão.

Mas, é importante destacar que quem se beneficia do machismo são os homens.

Homens machistas acreditam que são melhores e identificam-se uns com os outros, preferindo essa companhia e negando qualquer aproximação com as mulheres que não seja sexual haja vista que, conforme pensam: “mulher não sabe conversar sobre política, futebol e automóveis”.

Desenvolvem um amor dirigido àquele que considera igual e um ódio àquela que enxerga como diferente, por medo de se parecerem com ela e serem discriminados por isso. Os machistas gostam de homens e não de mulheres.

¹⁹ THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era de meios de comunicação de massa*. 6ª edição, Petrópolis: Ed. Vozes, 1995



POR FIM

Identificamos que a cultura machista e patriarcal mantém e reproduz relações de dominação levando a muitas desigualdades, violências e discriminações contra a pessoa humana.

Construir uma sociedade menos violenta é possível, com homens menos violentos, capazes de compartilhar e conviver respeitosamente com as outras pessoas. O homem não é naturalmente violento, mas aprende a exercer violência em sua socialização machista e agride as pessoas que considera com menor poder.

Identificamos que a convivência em grupo com homens não-violentos pode despertar outros discursos masculinos, usualmente não aceitos no dia a dia da cultura patriarcal. Concretiza-se, assim, a possibilidade de desconstrução dessa violência por meio de uma vivência em grupo baseada no respeito aos direitos humanos.

A partir destas constatações, foi possível construir propostas e ações no sentido de oferecer espaços de escuta e compartilhamento aos homens em grupos reflexivos e socioeducativos cuja finalidade é diminuir o exercício da violência para alcançar uma redução de danos na vida de mulheres e homens.

